REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV — LISBOA, 20 DE JULHO DE 1919 — N.º 74

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . $70 | ANO..... 3$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

LISBOA, PORTO DE TURISMO

Que Lisboa deve ser o «caes da Europa» é uma afirmação já antiga, de que muito se tem usado e mesmo abusado, e á qual, em geral, se tem dado uma significação muito mais ampla do que aquela que corresponde não á realidade dos factos — por isso que não estamos ainda em presença de uma realidade — mas sim á sua possibilidade.

«Caes da Europa» para o movimento de mercadorias, como muita gente supõe possivel, imaginando que Lisboa ha de vir a ser a porta de entrada preferida para as mercadorias que, da America, venham para a Europa, tem o seu quê de phantasioso, sobretudo com as proporções com que, por vezes, esse movimento tem sido pintado. Alguma coisa se póde, certatamente, conseguir n'essa direcção, mas as proporções não poderão deixar de ser muito mais modestas pela propria força das circunstancias.

«Caes da Europa» para o movimento de passageiros, isso sim; mas ainda, pelo que a estes diz respeito, se tem phantasiado um pouco, não querendo ver que os unicos que realmente terão vantagem de se utilizar de Lisboa, como porta de entrada para a Europa, são os provenientes da America do Sul, d'alguns pontos da Africa e, mas em bem menor escala, os da America do Norte que se dirijam para a Europa do Sul, ou vice-versa.

E' bastante menos do que muitos teem phantasiado, mas é, ainda assim, muito, muitissimo mesmo. Oxalá nós saibamos aproveitar e desenvolver essas correntes, proporcionando-lhes todos os atractivos e todas as possiveis comodidades e vantagens, que levem esses passageiros — geralmente gente endinheirada que viaja por prazer, por verdadeiro turismo — a dar preferencia ao nosso porto e á nossa cidade. Chamando a Lisboa estas correntes, tornando para elas o nosso porto o «Caes da Europa», teremos praticado um acto de verdadeiro patriotismo, pois que a influencia das mesmas sobre a economia geral do paiz será enorme.

Para tal se conseguir, não basta, porém, dotar o porto de Lisboa com todos os possiveis melhoramentos, facilitando a acostagem dos grandes paquetes, proporcionando aos seus passageiros boas e comodas instalações de desembarque e embarque, gares maritimas que estabeleçam a ligação directa entre o navio e o caminho de ferro, etc.

Tudo isto se fará, para tudo isto, e para muitos outros melhoramentos do porto, foi a sua Administração já felizmente dotada com os meios de alcançar os necessarios recursos, e certamente não se fará esperar a sua realisação, que é condição essencial do futuro desenvolvimento do nosso belo porto, apezar de haver quem entenda ser excessiva a despeza a fazer e que, tal como está, ele corresponde á sua funcção e ás necessidades actuaes.

Não é, porém, assim; e, ainda que o fôsse, quem de tal fórma pensa, esquece-se de que os portos devem atrahir a navegação, e não quererem caminhar, no seu desenvolvimento, como que a reboque d'esta.

Como diziamos, porém, muito mais é necessario fazer-se se quizérmos transformar realmente o porto de Lisboa n'um porto de turismo.

Gastar n'elle, por um lado, grandes somas, dotál-o das melhores e mais comodas instalações para embarque e desembarque de passageiros, proporcionar a estes faceis e directas ligações com os caminhos de ferro da Europa em luxuosas gares maritimas, simplificar e civilisar o mais possivel a revisão e o despacho das bagagens, melhorar os serviços sanitarios, etc., e, por outro lado, consentir que o passageiro atrahido pelo imponente aspecto da cidade, pela amenidade do clima e levado pelo natural desejo de ver novas terras, seja logo, ao desembarcar, assaltado por uma multidão de corretores; que, nas ruas e praças, se veja assediado por mendigos famintos, esfarrapados e, muitas vezes, repelentes pelas doenças e deformidades de que são portadores; que não encontre um hotel de 1.ª ordem e que, nem ao menos, consiga, por vezes, encontrar um quarto nos de 2.ª e de 3.ª ordem; que, se quizer fazer uma digressão em trem ou em automovel, seja ignobilmente explorado como se estivesse na Falperra e se arriscasse a ficar com os ossos n'um feixe se se aventurar a — no seu justificado desejo de visitar varios pontos do paiz, percorrer muitas das nossas estradas; é o mesmo que convidarmos pessoas com quem tenhamos cerimoniosas relações, a virem vizitar e habitar um velho e desconfortavel palacio, a cuja porta de comunicação, com um belo e luxuoso atrio que agora lhe anexassemos, colocassemos de guarda dois ameaçadores molossos; em cujos quartos e salas conservassemos a mobilia e, portanto, as comodidades de ha 2 ou tres seculos, e no qual os sobrados esburacados e as escadas desconjunctadas, ameaçassem continuamente a integridade corporal dos vizitantes.

O primeiro que tivesse a desgraça de entrar em tal palacio e de n'elle habitar, nunca mais a ele voltaria e encarregar-se-hia de avizar os outros para que em tal não cahissem. O mesmo sucederá com Lisboa e com o paiz em geral, por melhor e mais

luxuosamente que construamos e mobilemos o atrio, isto é, o porto de Lisboa.

Por outras palavras: para fazer d'este um verdadeiro porto de turismo, não basta executar n'ele obras e melhoramentos mais ou menos dispendiosos — os quaes, de resto, são — na sua maioria — necessarios para o cabal preenchimento de outras das suas funcções; mas é indispensavel que essas obras e melhoramentos sejam acompanhados pela realisação, feita sem hesitação, de muitos outros, quer na cidade de Lisboa, quer no paiz, sem os quaes o nosso porto nunca poderá vir a ser um verdadeiro porto de turismo para o que, como poucos, tem tantas condições.

FRANCISCO RAMOS COELHO.
Engenheiro-Director da Exploração do Porto de Lisboa

Agosto, de 1919.

HIDROTERAPIA E CLIMATOLOGIA

CREAÇÃO DO ENSINO OBRIGATORIO

Muito agradeço o convite para colaborar no numero comemorativo do 3.º aniversario d'esta excelente Revista, que tanto se esforça para tornar conhecidos os monumentos, os pontos pitorescos e os mais motivos de turismo que Portugal póde oferecer a nacionaes e estrangeiros.

Secundando tão louvavel orientação envio este pequeno artigo sobre o decreto de 16 de maio pp. creando um Instituto de Hidroterapia e Climatologia, que tão grande influencia deve exercer sobre a nossa industria do turismo, se fôr convenientemente posto em pratica.

Por isso, sem regatear louvores ao ministro, seja-me licito apresentar almas ponderações adequadas a melhor garantir, tanto a atracção e demora dos estrangeiros em Portugal, como a melhoria fisica da nossa raça.

O decreto a que me refiro auctorisa o governo a fundar em Lisboa um Instituto de Hidroterapia e Climatologia com as seguintes atribuições:

a) Crear o ensino metódico e pratico, para medicos que se queiram especialisar na clinica hidrologica e climaterica; devendo abranger este ensino o estudo de todas as questões scientificas respeitante a aguas mineraes, aos climas e a agentes terapeuticos subsidiarios.

b) Centralisar e metodisar os estudos e trabalhos sobre hidrologia e climatologia.

c) Fazer coordenar as analises de todas as aguas mineraes portuguezas.

d) Constituir um centro de informações para todas as entidades interessadas na exploração das aguas mineraes.

e) Vulgarisar por todas as fórmas que julgar convenientes, as pesquizas realisadas e os resultados obtidos.

Interpretando o espirito do decreto vê-se que o Instituto deverá visar as seguintes objectivos:

1.º — Preparar pessoal tecnico para dirigir, nas Estações Sanitarias, a exploração d'aguas e a climaterica.

2.º — Orientar as emprezas no sentido de explorar a ***industrialisação das curas*** de molestias cronicas.

3.º — Coordenar os trabalhos das emprezas na repartição das especialidades da fisioterapia.

4.º — Coadjuvar as mesmas na propaganda da eficacia dos seus processos e no valor dos recursos que oferecem aos seus frequentadores.

Para realisar tão vasto e belo programa terá, porém, o Instituto de defrontar varios e graves obstaculos:

1.º — *De natureza tecnica.*

O curso do Instituto deverá constar:

= em Hidrologia = de crenologia, talanoterapia e hidroterapia;

= em Climatologia, = de aereoterapia e helioterapia;

= em agentes auxiliares = de bromatologia, psicoterapia, mecanoterapia, gimnastica medica e electroterapia;

= em Fisioterapia = de principios de biologia aplicados á higiene e á profilaxia.

Tudo isto, com as demais atribuições tecnicas, demandam, além de uma direcção muito sabedora e dedicada, varios especialistas que escasseiam muito no paiz, visto que taes materias se não ensinam nas escolas medicas, e as emprezas termaes não pagam o suficiente para os seus medicos se especialisarem.

2.º — *De natureza administrativa.*

A opinião geral nas estancias termais é que o jogo é o melhor recurso para o seu desenvolvimento, e o jogo é incompativel com o regimen da vida higienica, morigerada e simples, indispensavel para o tratamento conscencioso das doenças cronicas pela fisioterapia.

Para convencer as emprezas a mudar o sentido da sua exploração, adaptando-se á ***industrialisação das curas***, é necessario provar-lhe claramente as superiores vantagens economicas d'este sistema.

Esta demonstração só é bem evidente em face de exemplos praticos; e as raras tentativas feitas n'este sentido, no paiz, não servem de prova; porque pelas condições adversas do meio, não teem dado grandes resultados, e tem custado muitos sacrificios aos iniciadores!

3.º — A coordenação dos trabalhos das emprezas em ordem a distribuir entre si as especialidades das doenças a tratar e dos meios terapeuticos a empregar, para que mutuamente se auxiliem em vez de se esmagarem n'uma concorrencia desordenada, é indispensavel para o bom exito da industria da exploração climaterica, — mas extremamente dificil de conseguir n'um paiz onde falta o espirito de associação.

E, comtudo, sem esta cooperação não será facil crear e muito menos multiplicar as grandes emprezas que disponham de recursos terapeuticos, atractivos e comodidades capazes de atrahir e reter a afluencia de nacionaes e estrangeiros!

4.º — *De natureza economica.*

A administração do Instituto que tiver de se desempenhar de tão graves encargos e de fazer a propaganda da exploração climaterica do paiz deverá custar largas quantias ao tesouro publico, que não será facil levantar das emprezas actuaes, modestissimas na sua generalidade.

Na tremenda crise financeira que atravessamos, com a eminencia d'uma *bancarrota*, é assumpto para ser muito profundamente ponderado.

Nas repartições do Estado, com a fixidez dos ordenados, as inumeras praxes burocraticas, etc., etc., o expediente é moroso e os serviços deixam bastante a desejar!

Não será conveniente pensar no aproveitamento das iniciativas particulares, para a realisação do decretado Instituto seguindo os exemplos que, com tão lisongeiros resultados, a todos os respeitos, de ha muito nos estão dando os Estados Unidos, a Inglaterra e a Suissa?...

Abrindo concurso para uma empreza que, com garantias suficientes, se queira dedicar á exploração climaterica e á regeneração da raça portugueza pela industrialisação das curas nas molestias cronicas, não será provavel que

alguns dos numerosos bancos que ultimamente teem augmentado os seus capitaes, ou fundado de novo, se abalancem a tão alevantado e productivo empreendimento?

A historia dos Bancos industriaes Alemães e Amertcanos prova exuberantemente a facilidade e competencia com que se sabem desempenhar do assunto.

Por este meio o governo poderá promover um Instituto de climatologia á altura, não só sem encargos mas até com a participação do tesouro nos lucros da empreza.

Não valerá a pena que o sr, ministro do Trabalho, pense no assnnto e ouça alguns banqueiros?

DR. BENTES CASTEL-BRANCO.

CARTAS DE PARIS

A grande festa da Victoria era anciosamente esperada! O quatorze de julho, trouxe aos francezes, depois da funda e tremenda humilhação de 1871, o primeiro dia glorioso de liberdade. O acto da assignatura da paz foi — por assim dizer — nada, comparado com o desfile das tropas victoriosas sobre as grandes avenidas de Paris. E esta paz, que foi paga a bom preço, como muito bem disse Clemenceau aos delegados alemães na conferencia de Versailles, ao entregar-lhes, nas mãos já resignadas aos grandes sacrificios, o exemplar do tratado, marca, com as suas consequencias bemfazejas, uma nova era de progresso para todos os povos. E' que a maldita guerra que será recordada em todos os tempos como a mais nefasta, até para os proprios vencedores, veio, quiçá, pôr termo a todas as ambições humanas.

Para aqueles a quem a força bruta das armas era um direito, trouxe ela a demonstração de que a força do direito não é um menor poder.

Assim o tem comprehendido a justiça emanente.

Outra guerra se vae desencadear, mais tremenda, porventura mais feroz e, sem duvida, mais dificil de vencer: a do trabalho. Os alemães, como Julio Diniz nos disse n'uma das suas maravilhosas obras, redimir-se-hão mais uma vez do mal que fizeram e vingar-se-hão do mal que lhes assacaram entrando agora na senda do bem para se rehabilitarem corajosamente pelo trabalho.

Assim pensando, eles n'um gesto de admiravel patriotismo, resolveram trabalhar doze horas por dia, emquanto os aliados, não obstante terem egualmente a maior necessidade de recuperar o tempo perdido, decretaram o horario de 8 para trabalhar!!!

Nas 12 horas em que os boches vão empregar seguidamente o seu esforço, uma reverterá em favor do Estado, para pagamento das indenizações de guerra.

Esta resolução do povo alemão trouxe, como era de calcular, um grande pavor às industrias francesas; todavia ela servirá, ao mesmo tempo, não só para os francezes como para nós todos, de grande estimulo para que os povos se regenerem pelo trabalho.

Vingam-se, fazendo bem.

Na noite de 13 para 14 de julho ninguem dormiu em Paris. Todos esperaram o romper d'alva para obter o melhor lugar; e assim, às 5 horas da manhã, a massa de povo que enchia a vasta Praça da Concordia, os Campos Elysios e os Boulevards, era composta de alguns milhões de cabeças.

O dia amanheceu carrancudo, ameaçador de chuva. Dir-se-hia que o Sol, farto de admirar as maiores atrocidades humanas, procurava fugir ao desfile das tropas victoriosas.

Eu tinha sido convidado por uma familia de compatriotas ilustres, para, das suas elegantes janelas, vêr passar o desfile no Boulevard Montmartre. Coisa rara — tal oferta, só compreendida por quem a esmo, em Lisboa, põe as suas janelas á disposição dos amigos, dos amigos d'esses amigos e das respectivas familias, porque em Paris toda a gente as aluga; e n'essa ocasião, taes palanques pagaram-se por somas quasi que só ao alcance de bolsas *rotchildescas*.

Por uma varanda nos Campos Elysios, onde cabiam escassamente quatro pessoas, se deu 80.000 francos, ou seja da nossa moeda o melhor de 20 contos!!!

— Que loucura!

Eram 9 horas e um quarto, quando assomei á janela que me foi gentilmente oferecida, n'um aristocratico palacete do Boulevard Montmartre, e a multidão que enchia as janelas dos altos edificios da grande arteria de Paris era tal que, se me fosse dado procurar um exemplo, servir-me-hia, talvez d'uma macieira plena de maçãs, o que todavia é uma fraca imagem para representar a móle humana que se pendurava, como excentricos cachos, das varandas e dos gradeamentos de segurança dos predios.

O Sol que não poude deixar de se associar a esta esplendorosa festa, apareceu mais tarde, juntando os seus raios de alegria ao jubilo intenso que se pronunciou para saudar os heroes da grande guerra.

A guarda republicana às esquinas das ruas, com os cavalos a espesinhar toda a gente, mal continha a onda que a cada momento se via crescer, para apanhar o lugar mais proximo. Os soldados tiveram de formar alas ao longo dos passeios e só á coronhada conseguiram deter a massa humana que queria avançar para o meio da rua.

De repente toda essa onda se agitou acenando com os lenços no ar, aos berros de: *Viva a França! Viva a Liberdade!* Era o cortejo da victoria que se aproximava.

A' frente, magestoso no seu legitimo ar de triumphador, o Generalissimo Foch cavalgava sobre um soberbo *pur-sang*, negro, que o acompanhára nas horas dificeis da ofensiva, e que, mais acostumado a ouvir o ribombar do canhão, estranhava as palmas e os vivas, com espantos de cabeça, o que obrigava o grande marechal a dedicar cuidada atenção ás suas orelhas. Pela esquerda de Foch, empunhando tambem o bastão de Marechal de França, seguia Joffre, sorridente, a face macia, já um pouco curvado para a direita, parecendo que abençoava com uma ternura de avô o cortejo do casamento da neta querida...

Após esses dois eminentes vultos seguiram os exercitos.

Abriram o desfile os americanos rigidamente hirtos, movendo-se com uma mecanica precisão pois mais se assemelhavam a soldados de chumbo do que a simples figuras humanas. Passaram os inglezes, os japonezes com os seus trajes amarelos e com o seu general de 20 anos (não tinha mais) cavalgando um soberbo «anglo-arabe».

As palmas abafavam todo o ruido da cavalgada, todos os compassos da musica na marcha da Victoria.

— *Voilà les Portugais!* gritaram a meu lado. Eram eles, irreprehensivelmente fardados, e guardando uma admiravel compostura.

Como os americanos, marchavam tambem mechanicamente. Era apenas uma companhia, egual ao contingente das outras nações pequenas; mas aos nossos olhos, pelo garbo com que eles marchavam, pareceu um regimento. A' frente ia a bandeira do 24, heroi-

ca, bordada pelas damas de Aveiro, e mais dois estandartes, um d'eles esfarrapado. Aquele assistiu ao embate do inimigo.

Passaram, e com eles a nossa alma. As nossas palmas foram para eles, só para eles, para o symbolo da nossa patria. A' sua passagem uma voz possante, de pulmões serranos, atroou o boulevard, com um—*Vive le Portugal!*

Chegaram depois os *poilus*, com o marechal Petain á frente. O enthusiasmo redobrou de calor. Das janelas foram atiradas flores aos soldados, emquanto a banda atordoava os ares com o «Medalon» a famosa marcha da Victoria!

Por entre as filas d'esses briosos soldados viam-se bandeiras, esfarrapadas, sem côr; e por fim os canhões de 75. Fecharam este sumptuoso e imemoravel cortejo os famosos *Tanks* que se arrastavam pelo Boulenard, como serpentes ou como tartarugas.

O povo, entre meio admirado e semilouco, continuava nas suas ovações, o que, então, traduzia não só um premio á ação que essas machinas tiveram nos campos da batalha, mas tambem o aplauso ao seu inventor.

Mas... não ha bem que seja perfeito na vida.

Para os Parisienses desabou uma fatalidade que os fez exasperar de furor. O anuncio da passagem das tropas fez logo estabelecer uma cotisação, especie de Bolsa, para os locaes, tribunas, janelas, telhados, d'onde se podia vêr o cortejo. Primeiro vendia-se cada lugar por 100 francos, preço que foi subindo á maneira que a procura ia avultando, chegando até 80.000 francos, e não sei se ainda a mais.

Predios houve que ficaram pagos duas vezes, com a venda dos balcões. O governo, porém, foi avisado, e... záz, fez votar uma lei para applicação de um imposto de 80 por cento sobre a receita total dos alugueis. Imagine-se a furia! Oitenta por cento! E se não fosse o governo destinar essa verba aos mutilados, era outro dia das Tulherias. Arrasava-se tudo.

— Oitenta por cento! Logo oitenta! comentava ha dias uma porteira d'um predio, com uma lagrima a bailar nas suas pestanas aváras. Oitenta por cento...

Isto só pelo Diabo!

Mas pagou-os.

Paris, julho

GUERRA MAIO.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

A SUA REABERTURA

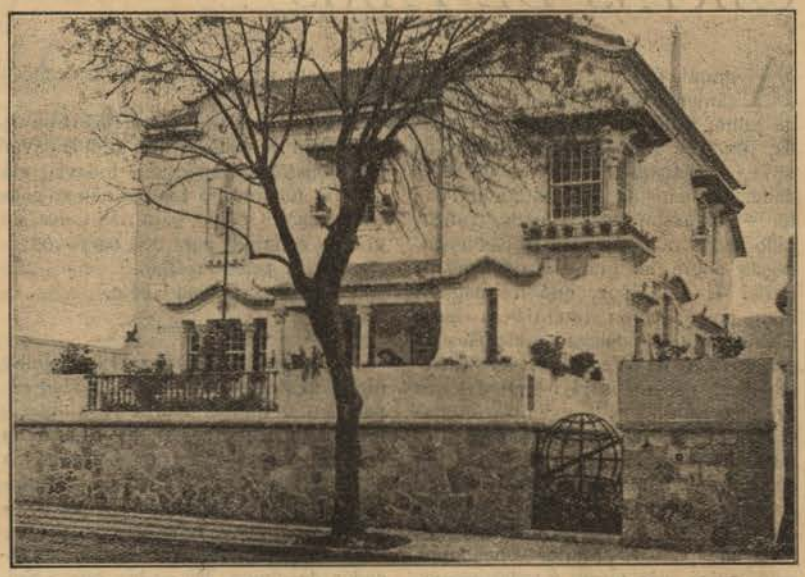
E' já um pouco tarde que nos vimos referir a esse facto, pois que ha perto de dois mezes ele se realisou. Seja-nos, porém, levado em conta, além das artelias que temos sofrido ultimamente pela falta de espaço, o imprevisto da grève typographica que, entre outros males humanos, causou o atrazo de mais d'um mez na publicação dos numeros d'esta Revista.

Justificada assim, perante o nosso muito respeitavel ámigo sr. Cruz Magalhães, a razão da nossa falta, vamos mais uma vez, fazer referencia a essa excelsa obra, que só uma verdadeira dedicação, uma paciencia sem limites, um culto religioso pela memoria d'esse grande portuguez que foi Rafael Bordalo Pinheiro e, ainda, uma grandissima admiração pela arte nacional de que ele foi um dos symbolos, pódem concretisar no mais do que belo museu do Campo Grande, instalado na linda vivenda que por aquele dedicado amigo foi consagrada a esse fim como complemento directo do seu legitimo preito á memoria do Mestre.

O museu Bordalo Pinheiro era já uma instituição de provado valor. Visitál-o constituia não só o dever de todo o portuguez, mas inclusivamente uma obrigação para os que da arte nacional teem vagas noções. Porém, o espaço que lhe foi destinado não satisfazia ás exigencias do seu instituidor, visto que o achava pequeno para conter toda a preciosa colecção dos trabalhos d'esse original artista, e para guardar, com delicado carinho, todas as lembranças, todos os episodios, todos os motivos interessantes da vida d'esse genio, que demandava um espaço mais vasto para se produzir de fórma a bem ser apreciado.

Foi, pois, o intuito de proporcionar uma maior latitude d'expansão da incomparavel obra do Mestre, que obrigou Cruz de Magalhães a encerrar temporariamente o seu precioso muzeu.

Reabriu-o pouco depois, e á singela festa da sua reabertura foi-nos dado assistir, em virtude d'um muito penhorante convite. Assim, ali fomos de novo, na ancia de proporcionar aos nossos sentidos o prazer inefavel de admirarem, de apreciarem, de se robustecerem n'essa pagina da vida portugueza em que a arte tão bem se casou com



O Museu

Cruz de Magalhães n'uma das salas

as subtilezas d'um fino espirito, d'uma alma d'eleição, d'um genio perfeitamente glorioso.

Decorremos todo esse sugestivo archivo da Arte Nacional. E se as sensações que nas anteriores visitas tinhamos recolhido ficaram perduravelmente gravadas na nossa memoria, as que experimentámos na ultima jornada que ali passámos deixaram-nos a impressão mixta de inexcedivel apreço por esse insigne patriota que é Cruz Magalhães, e de intraduzivel admiração por quem, no ultra *exquisito* meio portuguez, conseguiu fazer vincar para todo o sempre, em letras do mais refulgente metal, o seu nome augusto nas mais brilhantes paginas da historia portugueza.

Se Raphael Bordalo Pinheiro foi um grande artista — o que é uma verdade incontestavel, Cruz de Magalhães synthetisa o patriotismo, puro, nato, verdadeiro! Abençoado seja, pois.

O museu de sua instituição foi notavelmente ampliado: Todo o edificio d'essa encantadora vivenda, genuinamente portugueza, do lado oriental do Campo Grande, está hoje ocupada pelo conjuncto da obra e das recordações da vida do Grande Mestre, dispostas com uma inexcedivel arte, com singular criterio e principa mente, com acrisolado amor. Agora, não são só as concepções do belo espirito do grande artista que ali se reproduzem com verdadeiro realce; são tambem os detalhes da sua vida intima, desde os caracteristicos monoculos suspensos de largas fitas, até ás muletas seus derradeiros amparos, e desde as suas recordações da mocidade até as simples lembranças de familia. E', a todos os titulos, curiosissima essa bastante completa exposição. Ela serve de instructivo ensinamento para todos os portuguezes; ela é tambem uma preciosa lição de patriotismo, de civismo, de amor patrio.

As suas caracteristicas não precisam de exhaltações de simples panegiristas como nós; mas a nossa consciencia compraz-se em enaltecer com legitimo orgulho, o exemplo mais frisante do que é a justa comprehensão dos devores civicos, do que é, emfim, a noção do patriotismo, e como se professa a religião da Arte. E' como Cruz de Magalhães pratica, mostrando á sua geração as recordações do passado, e aos vindouros o que foi um Homem que a Patria Portugueza se orgulha de ter sido seu filho.

Fazemos acompanhar este singelo preito, de algumas gravuras do artistico museu e o retrato do grande mestre; e faltariamos a um dever de consciencia se não inserissemos egualmente o do promotor d'essa excelsa obra.

Que ele nos desculpe, irmos além do que a sua muita modestia permite.

José Lisboa.

NO ANIVERSARIO DA "REVISTA DE TURISMO,,

SAUDAÇÃO D'UM AMIGO

Foi para nós motivo de grande satisfação o aniversario da nossa Revista. Esse facto que nos encheu de legitimo orgulho, deu ensejo a que a nossa obra, aliás modesta, recebesse uma muito especial consagração, que nos foi sobremaneira agradavel registar—d'onde nos veiu a convicção de que a existencia da Revista de Turismo *é hoje considerada indispensavel, como orgão defensor da mais prometedora industria nacional.*

Assim de todos os recantos do nosso paiz tivemos um amigo que nos enviou as suas mais calorosas felicitações e o enthusiasmo vibrante do seu incitamento para que prosigamos n'esta tortuosa estrada.

D'entre ás muitas cartas que recebemos, não podemos deixar de publicar a do nosso velho amigo e querido camarada Mario de Montalvão, que, embora longe, o seu espirito acompanha-nos sempre com o mesmo ardor, com o mesmo quente «élan» com que nas primeiras horas trabalhou junto de nós.

Damos por isso especial deferencia á sua estimada carta, sentindo não podermos publicar, por falta de espaço, todas as que nos foram endereçadas.

Porém, aos que se nos dirigiram e, ainda, aos que nos teem prestado o seu valioso concurso, aqui expressamos o nosso mais reconhecido agradecimento.

A todos os nossos colegas da imprensa que, com uma requintada amabilidade, nos felicitaram pelo nosso aniversario, aqui consignamos egualmente os nossos muitos agradecimentos. Devemos, porém, especialisar o nosso colega citadino A Epoca, *que, referindo-se ás justas palavras com que, n'uma singela homenagem, acompanhámos o retrato do seu muito distincto Director, nos envia os seus especiaes votos de prosperidade, de agradecimento e de incitamento á continuação da nossa obra; palavras que comovidamente agradecemos.*

Meus Queridos Amigos:

Escrevo-vos de longe, d'uma solidão onde m'encontro em procura não sei bem de quê, porque acho tudo menos o que a minha alma quer.

E' a situação talvez d'um doente que sofre d'uma morbidez que, segundo os scientistas, se chama neurasthenia.

Eu chamar-lhe-hei, com mais propriedade, a «nostalgia do passado», e é por isso que, no presente, nada encontro que satisfaça á exquisita exigencia dos meus sentidos e ao egoismo desmedido da minha alma, que só no passado encontra o que... no presente não póde ter repetição.

J'aime les choses
Vagues, moroses,
Peuplant nos cœurs
Les choses grises
Douces, exquises,
charmes vainqueurs.

como disse Maria Magdalena no seu bêlo reliquario.

Não era, porém, meu intuito, ao lançar mão d'esta arrelienta pena, sugestionál-os com os meus queixumes. Não era, nem é, nem tampouco póde ser que eu cometa o crime abominavel de contaminar a minha doença a qualquer mortal. Mesmo se tal sucedesse seria motivo para um mais completo aborrecimento, porque então nem ao menos me comprazia em disfructar sósinho esta minha estupida situação.

O que de original lhe acho agora, tornar-se-hia n'uma banalidade, por haver mais gente que sofresse do mesmo mal:

E essa mais gente contaminal-a-hia

a outra e assim sucessivamente até o dominio da *Moda*.

Se isso sucedesse seria motivo para um mais do que voluntario suicidio, porque entre as duas coisas: *Moda* ou *suicidio*, não hesitava: optava pela segunda sem o mais leve rebuço, apezar de todos os preconceitos e contra mesmo, os meus principios.

Mas, adeante, que certamente já vos estou enfadando com estas derivações, e não quero cahir em excomunhão social...

O fim principal que me levou a escrever-vos, depois d'uma grande ausencia, é significar-vos que ainda vivo e que não posso deixar de vos confessar que um alento d'esta minha fraca vida é dado pela vossa bela Revista, por essa encantadora creança que tanto embalei para que... ela me esteja agora embalando. E como conto com intima satisfação os dias da sua gloriosa existencia, não me podia passar despercebido o seu jubiloso aniversario, tão recordativo para nós que a vimos nascer, tão querida para quem, como nós, lhe encaminhámos os seus primeiros passos, lhe facilitámos a articulação das suas primeiras palavras.

Se vós tendes razão para uma muito justa alegria, que eu reconheço a mais legitima, deixem-me tambem que d'ela compartilhe pelo muito que lhe quero e a vós todos a quem abraço comovidamente.

MARIO DE MONTALVÃO.

ARTE E LITERATURA

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

Quem foi o architecto da Batalha?

SEGUNDO Fr. Luis de Sousa, D. João I chamou *de longes terras* os mais celebres architectos que se sabiam, convocou, *de todos os pontos*, officiaes de cantaria déstros e sabios, e *de todo o Mundo* acudiu numero infinito de peonagem a servir e trabalhar.

Outro dominicano, Fr. Antonio de Madureira, affirma, n'uma Memoria, ter sido o primeiro architecto da Batalha um irlandês, David Aquete, que então vivia em Vianna do Castello.

Fr. Manuel dos Santos, monge de Alcobaça, attribue o plano da Batalha a Affonso Domingues, natural de Lisboa, na freguesia da Magdalena. Esse chronista não tem grande auctoridade; e tão levianamente escreve sobre o caso, que affirma ter sido construido o mosteiro de 1385 a 1388 — o que era absolutamente impossivel.

D. Fr. Francisco de S. Luis, que tambem habitou o mosteiro da Batalha, onde estudou o monumento e consultou o archivo monastico, logrando apurar valiosas noticias ácêrca dos artistas que alli trabalharam, — architectos, pintores, vidreiros — attribue igualmente o plano da Batalha a Affonso Domingues, a quem se refere um documento de 1402, que o dá como fallecido. Como os trabalhos começaram em 1387, segundo parece averiguado, é claro que Affonso Domingues podia bem ter sido o primeiro ou um dos primeiros architectos da Batalha, não se devendo, em todo o caso, inferir d'aqui que fosse o unico, ou o auctor do plano primitivo, que bem poderia ter vindo *de longes terras*, isto é, do estrangeiro.

Ha quem pense que Affonso Domingues não interveio nas obras da Batalha como architecto, mas como *védor* ou fiscal. Observe-se, porém, que tanto o documento de 1402, como outro, de 1406, publicado pelo dr. Sousa Viterbo, dão a Affonso Domingues o titulo de «mestre das obras da Batalha». No primeiro d'aquelles documentos e n'outros, posteriores, apparece um Mestre Ouguet, que, em 1402, dirigia já os trabalhos. Esse architecto, evidentemente estrangeiro, foi, na opinião de Fr. Francisco de S. Luis, o segundo mestre da Batalha e deve ser o artista a quem Madureira se refere, com o nome de Aquete, considerando-o irlandês, e que, ora tomado como francês, ora como inglês, é citado com os nomes de Huguet, Huet, Hewett, Hakett, Aquet. O verdadeiro nome, porém, d'esse artista parece ser Ouguet, — o que leva a considerá-lo francês.

O architecto Murphy diz-nos que funcionarios do Archivo Nacional (Torre do Tombo) lhe asseguraram ter sido constructor da Batalha um architecto inglês, Stephen Stephenson,—que Murphy conjectura pertenceria á grande corporação franco-maçonica de York.

Outro estrangeiro a quem a historia da nossa arte mereceu aturado estudo, o Conde de Raczynski, notou, logo que vio as estampas de Murphy, profunda analogia entre a Batalha e a cathedral de York.

Haupt — outro estrangeiro, ainda, que tem estudado a nossa architectura, especialmente a do periodo manuelino — affirma que não é licito duvidar de ter sido auctor do plano da Batalha um inglês. E nota que a planta é absolutamente inglêsa; que a nave perpendicular e a transversal são identicas ás da cathedral de Canterbury, apenas sem torre; que as construcções circulares, ao modo das *capellas imperfeitas*, são frequentes em Inglaterra, mesmo no proprio eixo maior do edificio, por detrás do côro (Lincoln, Cauterbury, etc.); que a architectura da fachada tem evidentissima analogia com a da cathedral de York, etc. E conclue que a planta foi traçada em Inglaterra e executada por architecto pertencente a uma corporação inglêsa de pedreiros, com a cooperação de artificies igualmente inglêses, — embora, talvez, sob a direcção e responsabilidade de um mestre nacional.

Vejamos agora qual a opinião do sr. J. de Vasconcellos, que tem dedicado a sua vida (póde assim dizer-se) ao estudo da archeologia artistica portuguesa.

Ha, ou havia no nosso país,—pergunta ao sr. J. V.,—precedentes artisticos,—monumentos gothicos, escolas de canteiros, as officinas-escolas da Idade-Media europeia,—que nos auctorizem a affirmar ser a Batalha producto da inspiração nacional?

Tanto da phase ogival primaria, como do periodo de transição do estylo romanico para o gothico, houve entre nós boas obras, levantadas por mãos habeis, bem disciplinadas e bem conduzidas; e em qualquer dos dois periodos encontrâmos, ora em documentos, ora na pedra, nomes de alveneis, operarios e mestres de obras,— embora em restricto numero, se o compararmos com o das edificações.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, depois de ter accentuado isto, compara a Batalha com a cathedral de Burgos, e conclue: — que é imitada de Burgos (capella do Condestavel Velasco) a ideia das *capellas imperfeitas* e sua ligação á igreja por meio de um atrio, de abobada artezonada; — que é sensivel a analogia entre as duas plantas (tres naves; cinco grandes divisões no vasto cruzeiro), e mais sensivel seria ainda, se as naves lateraes de Burgos terminassem arredondando-se á altura correspondente, em vez de formarem charola; — que a fórma octogonal da

citada capella da cathedral de Burgos e o systema do seu artezonado apparecem igualmente nas *capellas imperfeitas*, — no atrio para onde abrem e nellas proprias.

Por sua vez, a cathedral de Burgos relaciona-se com a de Bourges e com a de Reims (França). As torres são obra de dois allemães (pai e filho), de Colonia; a obra gothica, florida e *plateresca*, pertence essencialmente á Hispanha e a borgonheses nacionalizados; mas o plano é, na sua essencia, francês.

Os proprios templos ingleses tornaram-se tambem tributarios da arte francêsa (*opus francigenum*), que estendeu a sua influencia até á China. Como havia a nossa arte de permanecer isolada?

O sr. J. de V. não pretende filiar toda a construção da Batalha na cathedral de Burgos. Encontra tambem analogias entre a Batalha e St. Ouen (Ruão), Nobre Dame de l'Epine (Marne), St. Vulfran d'Abbeville, etc.

A conclusão que, de tudo isto, o sr. J. de V. tira, é que não se póde nem deve fallar de *uma influencia preponderante* na Peninsula, no periodo ogival, cujas phases representam, todas, influencias diversas, que se entrecruzam triumphando umas das outras, em alternativas caprichosas; e que, em vez de procurar determinados nomes, como sendo os unicos responsaveis, devemos antes procurar escolas: *lauhutten*, *fabric-houses*, *loges maçoniques*, as familias ambulantes.

E, assim, entende que é muito provavel que o plano geral da Batalha seja o resultado de discussão effectuada numa d'essas juntas de architectos,— tanto em voga em toda a Hispanha medieval; e que um (o preferido) désse o desenho definitivo das tres naves, cruzeiro e capellas absidaes. Note-se que esta opinião não contraria a de Fr. Luis de Sousa, que, na *Historia de S. Domingos*, diz: — «Chamou (D. João I) de longes terras os mais celebres architectos, que se sabião, e convocou, de todas as partes, officiaes de cantaria déstros e sabios...»

(Continúa)

D. JOSÉ PESSANHA.

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPANHA nas bibliothecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

NOTICIAS DIVERSAS

Propaganda de Portugal

Foi inaugurada no dia 22 de Junho, em Guimarães, uma delegação d'esta Sociedade; tendo esse acto, que se realisou na sala das sessões da respectiva Camara Municipal, sido revestido de grande solemnidade.

A ele presidiu o Sr. Dr. Alfredo Fernandes, presidente da Camara e director do magnifico estabelecimento das Caldas das Taipas, fazendo-se representar a Sociedade pelos seus directores Srs. Pedro de Oliveira Pires e Gregorio Costa.

Falaram varios oradores, encontrando-se em todos o maior entusiasmo pela organisação que acaba de se crear e que muito deve concorrer para os progressos da região. Em todos os assistentes encontrou a Propaganda palavras elogiosas para a sua patriotica obra.

A Torre de Belem

Pela Associação dos Archeologos Portuguezes está sendo desenvolvida uma importante campanha no sentido de libertar esta preciosa joia artistica das perniciosas consequencias da permanencia da Fabrica do Gaz na sua visinhança.

Para esse efeito encontram-se na séde da Sociedade Propaganda de Portugal, folhas de inscrição para os socios que desejem subscrever a representação que naquele sentido está elaborada.

Tratando-se do assunto que diz respeito a um padrão de alto valor historico, é de esperar que essas folhas estejam rapidamente cobertas de assignaturas, atendendo ao grande numero de socios d'aquela Sociedade que de certo desejarão vincular o seu nome a um acto de patriotismo.

Industria hoteleira em Portugal

Na ocasião em que a Direcção da Sociedade Propaganda de Portugal foi cumprimentar o actual Sr. Ministro do Comercio, aproveitou o ensejo para apresentar a esse titular uma exposição relativa á prorogração do praso para a concessão de premios pecuniarios ás emprezas que construam novos hoteis, pedindo diversas providencias tendentes a facilitar o desenvolvimento da industria hoteleira e que permitam acudir á falta, cada vez mais notada em Portugal e muito principalmente em Lisboa, de estabelecimentos d'esta natureza.

Sua Ex.ª aceitou com muito agrado a exposição que lhe foi entregue prometendo apresentar ao Parlamento um projecto de lei n'esse sentido.

A mesma Sociedade, que já estabeleceu três «Bureaux de Reseignements», na Suissa entrou em relações com a Federação dos Hoteis Suissos, em Lausanne, instituição que se está desenvolvendo com grande actividade, tendo varias ramificações na Suissa e com intenção de se alastrar a outros paizes.

A notificação da existencia de uma lei de proteção aos hoteis em Portugal, e que é devida ás instancias da mesma Sociedade, animou muito aquela Federação que está estudando a forma de vir aqui lançar uma das suas ramificações.

Banhistas hespanhoes

A fim de facilitar o acesso ás nossas praias, dos banhistas hespanhoes que todos os anos costumam visitar-nos, o Governo Portuguez deu as precisas instruções ás autoridades consulares para serem aceites as cedulas pessoaes de que são portadores todos os habitantes do paiz visinho, sem necessidade de quaesquer outra formalidade.

Foi uma medida inteligentemente tomada, com a qual muito teem a lucrar não só as nossas praias onde a vinda dos hespanhoes constitue um motivo de verdadeiro apreço, mas tambem os Caminhos de ferro portuguezes, pelos beneficios que proporciona aos resultados do seu trafego.

«Cartas de Cintra»

Devem ser postas á venda em Novembro, devidas á pena de Alfredo Pinto (Sacavem), Impressões e phantasias literarias. Este livro é todo ilustrado com photographias pelo auctor. A edição é da livraria Ferin.

Touring Club Suisso

D'este importante Club recebemos dois exemplares do seu interessante Anuario relativo ao corrente ano; oferta que reconhecidamente agradecemos.

Congresso Regional Trasmontano

N'uma das ultimas reuniões que efectuou na Sociedade de Propaganda de Portugal, a Comissão Executiva do Congresso Trasmontano tomou conhecimento de varias adhesões, entre as quaes a do Club Trasmontano de Angola, cujo delegado, o Sr. João Carlos Rodrigues Coelho, assistiu a essa sessão, colaborando nos trabalhos a que ela se dedicou.

Foi registada uma comunicação da Com-

panhia de Caminhos de Ferro da Povoa, informando que esta Companhia concede a redução de 50 % no transporte pelas suas linhas, dos congressistas, expositores e de productos para a exposição. Outras empresas de transportes anunciam que farão as maximas concessões para o mesmo fim.

Pelo sr. Torquato de Magalhães foi enviada a lista de subscripção do concelho de Alijó que atinge uma soma avultada.

Foram distribuidas mais theses aos Srs. Drs. Antonio Granjo, Dr. Fernandes de Almeida, Dr. Cunha Coutinho, Dr. Francisco de Valadares, Nicolau Mesquita, coronel Augusto de Carvalho, Dr. João Barreira, Dr. Lobo Alves e Pires Avelenoso.

Pelo interesse que este congresso tem despertado é de crêr que a sua realisação seja revestida de grande solemnidade e que os seus resultados proficuamente revertam em favor da bela região transmontana.

Arte no lar

O grupo de senhoras que com uma superior inteligencia e com um verdadeiro patriotismo teem conseguido crear o gosto pela nossa linda e original arte nacional, no que respeita a rendas, bordados, tecidos, mobiliario, trabalhos de ourivesaria e obras de ceramica, organisou um soberbo e valioso mostruario destinado a uma exposição na Camara do Comercio e Industria Portugueza no Estado de S. Paulo (Brazil).

Esta iniciativa é, a todos os titulos, digna dos maiores louvores, não só pelo que representa de interessante para os dois principaes ramos da nossa vitalidade, mas ainda pelo seu significado verdadeira e inteligentemente patriotico; sendo por isso merecedor de todo o concurso.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença. das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, $10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), $20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada $10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Biblioteca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU TIFLOLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADF PROTECTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apolonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S JOÃO BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especal. Entradas gratuitas.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

BREVEMENTE
A APARECER À VENDA:

"Cantares,,

VERSOS DO POETA
ANTONIO BOTTO
MUSICAS DE
NICOLAU D'ALBUQUERQUE
ILUSTRAÇÕES DO PINTOR
ANTONIO CARNEIRO

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial» Largo da Abegoaria, 27 - Lisboa

Centro Tipografico
COLONIAL
Fundado em 1903
Agostinho & Villas, L.da
LISBOA
L. da Abegoaria, 27 e 28 (ao Chiado)
TELEFONE 2337 CENTRAL

EXECUTAM-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS ::::

CARIMBOS DE BORRACHA ::: ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO ::: PREÇOS MODICOS ::::::::